



## TUMBALALÁ



**Participantes da Oficina**

Ana Maria Marinheiro  
 Ancelma Cícero dos Santos  
 Antonio Alonso da Silva  
 Antonio Cecílio Januário  
 Antonio José dos Santos  
 Antonio Marcolino Barbalho  
 Antonio Ribeiro  
 Antonio Tumbalalá – Mudo  
 Cecílio Januário Xavier Neto  
 Cícero Romão Gomes Marinheiro  
 Cirico Cecílio Januário  
 Dionizio José da Silva  
 Ernesto Antonio Januário  
 Eurides Antonia da Conceição  
 Eurides Josefa Gomes  
 Eva Tereza dos Santos  
 Feliciano Clarindo dos Santos  
 Felipe Gomes dos Santos  
 Genilda Pereira dos Santos – Cenilda  
 Givanildo Marcolino Barbalho  
 Isaias Pedro dos Santos

Jandir Januário da Conceição  
 Januário Gomes de Santana  
 Jonatas Diogo  
 Josenor Ubardo de Marães  
 Josival Raimundo Anjo dos Santos  
 Lucila Antonio Januário – Preta  
 Manoel Januário da Conceição  
 Maria Antonia de Souza – Maria de Domingo  
 Maria Antonia dos Santos  
 Maria Aparecida dos Santos Costa  
 Maria de Santana Filha – Dorinha  
 Maria Lenilda Capistano- Nida  
 Maria José Gomes Marinheiro – Maria Tumbalalá  
 Massimiano José da Cruz – Vicente  
 Mateus Gomes Capistrano – Colega  
 Miguel Marcolino Barbalho  
 Patrício Gomes Santana – Patrocínio  
 Resenildo da Silva Santos  
 Rita Gomes da Silva  
 Roseilton Santos  
 Valdeci Antonio Januário  
 Valdira Eurides Januário  
 Zenon Gomes

**Equipe de Pesquisa**

Alzení Tomáz (NECTAS/UNEB/CPP NE)  
 Juracy Marques (NECTAS/UNEB)  
 Juliana Barros (AATR)  
 Sandro Tuxá (APOINME)  
 Sílvia Janaina  
 Fábio Bandeira (UEFS/UFBA)  
 Maria José Gomes Marinheiro (Maria Tumbalalá)

**Elaboração do Mapa**

Álvaro Ribas  
 Alzení Tomáz  
 Eder Marinho  
 Juracy Marques  
 Lucas Martins

**Fotografias**

Juracy Marques  
 Arthur Lima  
 Alzení Tomáz

**Projeto Gráfico**

José Fernandes F. Neto



Participantes da Oficina (NECTAS, 2008)

**Ficha Catalográfica**

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Povo Indígena Tumbalalá / Coordenadores Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin; Organizadores Juracy Marques dos Santos...[et al]. – Manaus, AM : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

12 p. : il. ; 25 cm. – (Povos Indígenas do Nordeste ; 4).

ISBN: 978-85-7883-170-7

1. Comunidades Indígenas do Nordeste – Abaré/Curaçá (Bahia). I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Santos, Juracy Marques IV. Série.

## A PEDRA DA LETRA: ELAS FALAM

Os símbolos gravados na Pedra da Letra comprovam a existência dos ancestrais do Povo Indígena Tumbalalá que habitavam neste território. São aspirais repetidos. O gesto de repetição traduz o gesto de cozinhar, mexer a “mistura”, é o movimento da vida, a semente que vai de centro em direção da luz e vive-versa. Nessa mistura somos o fogo e a terra, ligando panela de barro, pote, corpo, vaso sagrado. Nós Povo Tumbalalá somos resultado, parte do processo dessa fusão. **Livro: “Índios na visão dos Índios”.**



Pedra da Letra (NECTAS, 2008)

## ORIGEM, IDENTIDADE E COSTUMES

O Pambu sempre foi terra de índio, aí chegaram uns brancos comerciantes portugueses que encontraram os índios e se agradaram. Um deles chamado de Quinca Gomes casou-se com Rosalina uma índia daqui. Quinca era meu bisavô. Acontece que os índios foram se desgostando e foram saindo e os brancos tomando conta. Foi tudo virando campo de gado. Um dia acharam a imagem de Santo Antonio e fizeram uma casa de barro, e colocaram ele lá, vinha gente e tirava ele de lá e, ele de novo aparecia no Pambú. Por isso, dizem que “Santo Antonio de Pambú será combatido, mas, não será vencido” **D. Lourdes de 81 anos.**

O Pambú é o primeiro aldeamento dos Tumbalalá onde tem registro do ano de 1.600. Na divisa do Riacho da Divisa de Abaré e Curaçá, teve uma guerra entre índios e brancos, mas, também entre índios na Missão Velha. Um lugar onde padres rezavam missa, depois dessas guerras toda essa região era Pambú. **Cacique Cícero Marinheiro.**

O nome Tumbalalá foi descoberto na década de 30 através de nossos rituais que em seis trabalhos da ciência se confirmou o nome Tumbalalá. O nome Tumbalalá foi dado pelos Encantados de Luz. Agente não diz, é segredo do nosso povo. Quem quiser acreditar que acredite. **Cacique Cícero Marinheiro.**



Cícero (cacique) e D. Lourdes (Anciã)  
(NECTAS, 2008)

Ritual Tumbalalá (NECTAS, 2008)



E que ser Tumbalalá eu acho que é levantar a cabeça e não ter vergonha de ser índio, seja onde for, seja na aldeia ou fora da aldeia. Eu digo isso, porque com toda a minha luta encontrei muita resistência dos não índios com a minha mistura de raça, mas nunca baixei a cabeça, nunca dei ouvido para as coisas que diziam do povo, da minha pessoa. Diziam sempre que os Tumbalalá não existia mais como índio, tinha gente que até as vezes diziam piadas, mas isso nunca tirou a vontade de lutar e para um dia conseguir ter dignidade... **Cacique Cícero Marinheiro.**

Então vamos para o nosso forte que é o Toré, aqui está o Toré onde agente busca os rituais, é a nossa cultura, é onde agente busca força na natureza. **Cacique Miguel Marculino.**

Vivemos do nosso costume se não tivesse esses costume ou se um dia chegar a se acabar, não vai mais existir o povo Tumbalalá. Não existe um povo sem ritual... A gente precisa, que usem as nossas vestes, nossa pujá, a nossa cataiôba, ter seus maracás dançar o Toré. Às vezes as pessoas esquecem, ou às vezes não dão importância para aquilo que é necessário. A gente precisa se prevenir pra o momento de pressão de pessoas não índios e posseiros, como também da justiça contra agente. **Cacique Miguel Marculino.**

Em 1997, foi quando a FUNAI disse através de Valter Coutinho – Antropólogo, que não tinha registro da existência do Povo Tumbalalá. Aí fizemos um documento com o nome de Nossa Senhora da Conceição, para que naquela ocasião a gente tivesse o reconhecimento. Acontece que até hoje temos problemas internos por causa disso. Nadja, uma antropóloga da FUNAI não quis aceitar o relatório de reconhecimento dos Tumbalalá, depois foi que Marcos Paulo reafirmou nosso relatório de identificação.

**Cacique Cícero Marinheiro.**

Os Tumbalalá tem uma estimativa de 6 mil índios, mas, aqui dentro do território só tem uns 3 mil. A maioria dos índios não tem terra, muitos vivem de arrendamento de terra e dias de serviços. **Cacique Cícero Marinheiro.**

Os Tumbalalá fazem parte dos povos indígenas do Sertão do São Francisco marcados pela ação das missões religiosas nos séculos XVI e XVII. A Terra Indígena Tumbalalá possui várias aldeias e o povo se espalha nas localidades de: Ibozinho, Teixeira, Lagoa Vermelha, Pé de Areia, Cruzinha, Riacho São Francisco, Pambu, Missão Velha, Porto da Vila, Salgado, Mari, Foice, São Miguel, Cajueiro, Fernando, Jatobá, Pedra Branca, Projeto Pedra Branca, São Miguel, Maria Preta, Pau Preto, Bom Pastor, Camaratu, Escalavrado, Ibó, e ainda em Cidades como Cabrobó, Petrolina e Juazeiro. **Cacique Cícero Marinheiro.**

Cacique Miguel (NECTAS, 2008)



## A ILHA DO ARACAPÁ E O RIACHO SÃO FRANCISCO

As coisas importantes eu gosto de juntar. Aqui vivemos da cultura de vazante e plantamos mandioca de vazante e hoje só fazemos farinha com mandioca molhada com água de chuva ou molhação. **Sr. Marcolino.**

Em escritos do francês capuchinho Martin de Nantes, relatou a relação dos Tumbalalá com os índios da Ilha do Aracapá. Nantes em 1685 recebeu ordem do governador da Bahia de levar os índios das Aldeias do Pambú, Ibó, Aracapá e Rodelas para uma guerra contra os índios do Salitre.

Acontece que aqui no Riacho São Francisco que é lugar de índio veio os missionários passava pra ir pra Aracapá, aqui tem a Santa Cruz que existe até hoje e que antes era só a cruz, depois a gente foi ajeitando e hoje é como uma capelinha, ela é antiga! A Santa Cruz era lugar aonde os antigos Tumbalalá vinha pisá toré. Era aqui lugar de força! **Dona Carmelita – Índia Tumbalalá.**

## O RIO SÃO FRANCISCO E SUA DIVERSIDADE



Área da Construção da Barragem (NECTAS, 2008)

O Rio trás nossas tradições que é os Encantados das águas e das matas. Aqui temos hora de tomar banho, hora de pescar. Tem que escutar o Rio. **Cecília Tumbalalá.**

O maior tesouro que a gente tem aqui é o Rio São Francisco. A gente não dá ele por nada na vida, certo? Não tem nada que compre esse patrimônio. **Cacique Miguel Marcolino.**

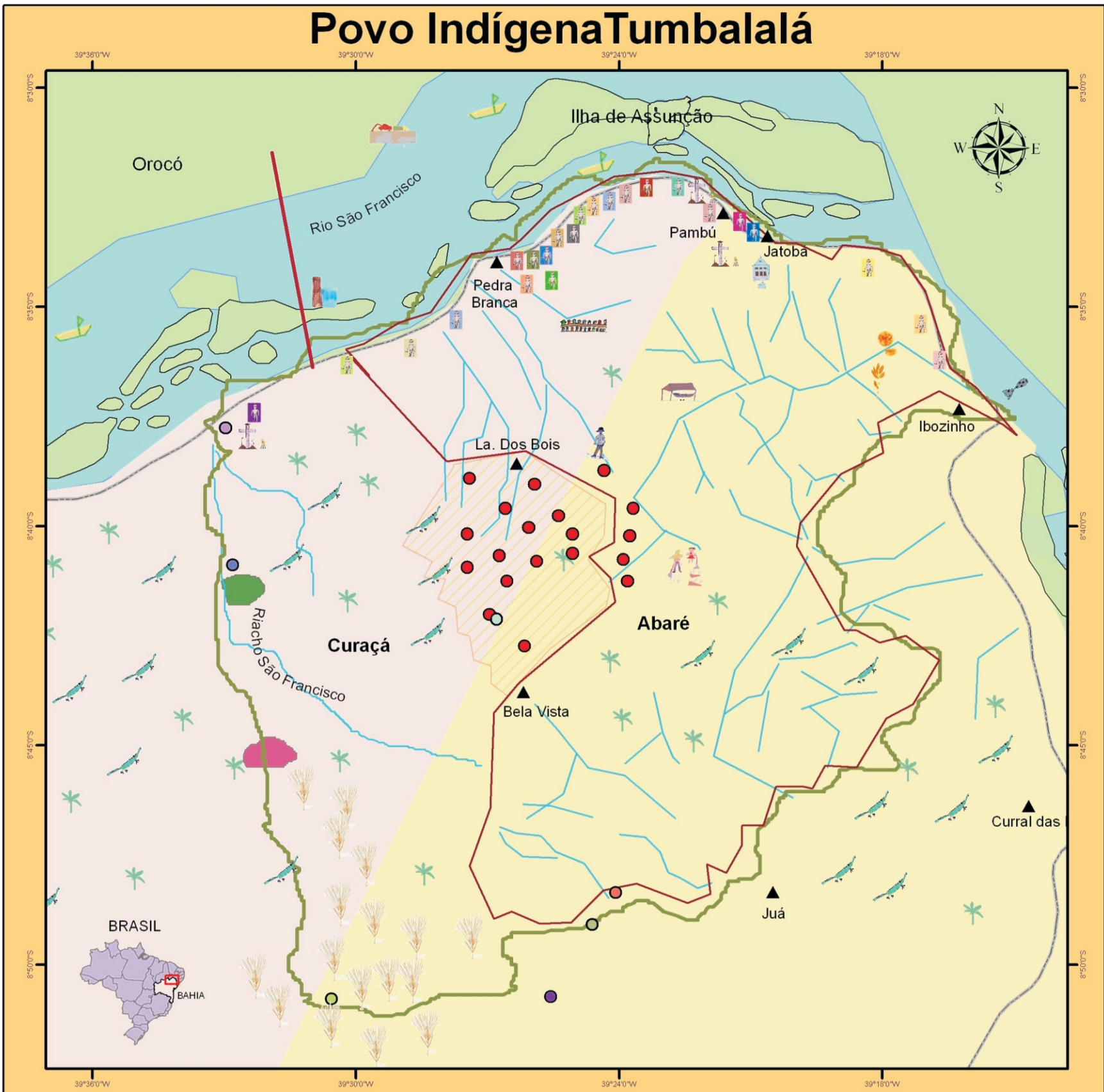
## USO DE PLANTAS MEDICINAIS, AGRICULTURA DE BOM INVERNO E AS TERRAS DE CHAPADA

É nas terras de Chapada que nossos antepassados corria pra fazer agricultura de bom inverno quando tavam perseguido pelos brancos. Mas, sempre os índios ia lá pra colher planta para as curas e organizar a produção, lá tem: ALECRIM DO CABLOCO - Incenso, anti-febril; ALGAROBA - Alimento para criação, cercas casas, carvão; AMEIXA – Uso medicinal; ANGICO - Cercas, construções; ARAÇÁ - Cercas, construções; AROEIRA - Cercas, chá para rim e fígado; BRAÚNA - Banho e goma comestível; CABAÇA - Frutos para transportar água; CAJUEIRO – Infecção; CAPIM D'ÁGUA - Alimento de alguns animais; CARUÁ - Fibras para esteiras e roupas; FAVELA - Alimento e infecção (entrecasca); FUMO –BRAVO - Banho para coceira; GENGIBRE – Derrame; JUAZEIRO - Alimento para animais e homens, gripe; JUREMA DO CABOCLO - "Vinho" da raiz para o toré; MAMONA - Óleo

para cabelos, folhas para dor de cabeça; MARI – A polpa das vagens é consumida pelo povo e os animais; MARMELEIRO – Construção; MATA-CABRA - Construção, doenças venéreas e tóxica; MULUNGU - Artesanal, cólicas; MUQUÉM - Tábuas, chá para os rins e estômago; PALMA - Alimento animal e para homens; PAU FERRO - Cercas, expectorante. **Cacique Miguel Marcolino.**

Jatobá mesmo, aqui tinha muito pé de jatobá, mari. Cozinhava aquelas panelona de Mari, quebrava aquele catolé que tinha dentro. E hoje não tem mais nada disso, a gente nem vê. O Jatobá a gente quebrava e tirava aquele coisa de dentro e comia. Chega se entalava, e hoje já não tem mais nem pé de Jatobá. E Jatobá é muito bom pra gripe, é muito bom. **Maria Tumbalalá – liderança.**

# Povo Indígena Tumbalalá



## Legenda

- |   |  |   |
|---|--|---|
| <p><b>Aldeias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Teixeira</li> <li> Missão Velha</li> <li> Foice</li> <li> São Miguel</li> <li> Mari</li> <li> Salgado</li> <li> Varzea Comprid</li> <li> Cajoeiro</li> <li> Engeitado</li> <li> Porto da Vila</li> <li> Barrinha</li> <li> Fernando</li> <li> Maria Preta</li> <li> Pau Preto</li> <li> Cruzinha</li> <li> Cachoeira</li> <li> Proj. P. Branca (Presença Indígena)</li> </ul> | <p><b>Identidade e Natureza</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Casas de Adobe</li> <li> Animais</li> <li> Plantas</li> <li> Croá</li> <li> Rituais</li> <li> Igreja Sto. Antonio do Pambú</li> <li> Cerâmica</li> <li> Serrote do Pires</li> <li> Serrote Frutuoso</li> <li> Barra do São Bernardo</li> <li> Pedra Preta</li> <li> Pedra da Letra</li> <li> Foz do Riacho São Francisco</li> <li> Riachos</li> <li> Lagoa 3 Irmãos</li> <li> Lagoa dos Porcos</li> <li> Ilha de Aracapá</li> <li> Outras Ilhas</li> <li> Hidrografia</li> </ul> | <p><b>Conflitos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Transposição</li> <li> Funai</li> <li> Posseiros</li> <li> Barragem Pedra Branca</li> <li> Agrovilas / Projeto Pedra Branca</li> <li> Território Tubalalá Reivindicado</li> <li> Canal Transposição</li> <li> Impacto UHE P. Branca</li> <li> Agrovilas em TI a ser delimitada</li> </ul> |
| <p><b>Localidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Povoado</li> <li> BR-116</li> <li> Território demarcado</li> <li> Abaré</li> <li> Curaçá</li> </ul>   |  |   |

Projeto Nova Cartografia Social do Brasil  
 Mapa Situacional - Julho 2009  
 Série: Cartografia dos Povos Tradicionais do São Francisco  
 Núcleo de Estudos em Povos e Comunidades Tradicionais e  
 Ações Socioambientais- NECTAS

### Equipe de Elaboração:

- Álvaro Ribas
- Alzeni Tomaz
- Lucas Martins
- Juracy Marques
- Eder Marinho

### Mapa e cartografia:

Álvaro Eduardo Mascarenhas Ribas  
 Fonte:

IBGE 2007 - Mapa Municipal Estatístico  
 Croquis do Povo Tmbalalá  
 Sistema de Informação Geográfica  
 Datum Horizontal - SAD 69  
 Escala:  
 1:225.000  
 0 2.250 4.500 6.750 9.000  
 M

## CERÂMICA TUMBALALÁ



Cerâmica Tumbalalá (NECTAS, 2008)

## TERRA E TERRITÓRIO TUMBALALÁ



A gente vai arrancar o barro, passa umas duas horas para tirar três sacos de barro, traz no jegue. O local do barro é muito longe e quem vai pegar é minha filha mais nova porque o morro é muito alto eu não posso, é a duas, três horas de pé. Coloca o barro em um buraco para molhar, depois tira e traz para dentro de casa e machuca ele na mão, depois rola em uma tabua e faz uns bolos, fura e vai ribando (levantando) depois vai cortar, faz na segunda-feira e encosta terça, depois passa o papur (tinta). Usa o Toa (pedra para fazer tinta) antes de queimar, mas tem que estar já quente. Para pinta a gente pega um capucho de algodão tira o caroço pega um pau de vassoura, enrola o algodão e molha no toa pisado com água e pinta. Na sexta-feira vai queimar, faz uma cama de lenha no chão, coloca todos os potes por cima, depois da louca toda encarreirada coloca lenha por cima, depois vai tirando o fogo com a vara; isso 'e duas horas da tarde, cinco horas 'e que vai descarreir o fogo. O pior sacrifício e a lenha, trazer do mato em cima do jegue. Para fazer 20 potes são sete cargas de lenha, meu marido demora dois dias para tirar a lenha. As vezes tiro todas as loucas sem quebrar, mas tem vezes que quebra quase todas, depende do barro. Esse saber vem do berço, de mãe para filha".

**Domingas Maria da Anunciação.**

Olha, a demarcação da terra é um trabalho muito difícil, desde 2003 que agente luta para ver se consegue demarcar a terra, já foi feito identificação e delimitação tem um laudo, um relatório na FUNAI para ser decidido a posição dos peritos da FUNAI, teve um grande momento de dificuldade através de uma antropóloga que tinha lá no setor de Antropologia, que era a Nadja, graças a Deus depois que ela saiu o trabalho está sendo continuado, espero que agora no mês de agosto de 2008 agente está esperando. Já fomos três vezes em Brasília este ano, graças a Deus agora foi dado uma resposta que esse mês de agosto, no decorrer do mês agente esta com o Grupo de Trabalho pra fazer a demarcação da terra. Já tá decretado e já saiu no diário oficial. **Cacique Cícero Marinheiro.**

Eu queria lembrar uma coisa aqui, no início era ter falado, mas passou, sobre os costumes d'agente, sobre as tradições, sobre o nosso ritual, acho que aqui, dos que estavam no momento tem muitos, quando foi para agente ir para a FUNAI para ser reconhecido, o que aconteceu? Veio aqui um Antropólogo, as lideranças Tuxá, que foi a segunda aldeia no Nordeste reconhecida para passar uma noite com agente dançando um Toré, para depois servir de testemunho se era um trabalho de índio ou não, eu acho que muita gente aqui lembra,

então para você vê a importância que tem d'agente praticar os nossos costumes, fazer nosso ritual e fazer bem feito, e muitas pessoas que as vezes vem dançar aqui e que as vezes não está acostumado a dançar, procure dançar o toré, mesmo que dê trabalho aprender, do jeito que aqueles da frente dançam, porque eu vejo também aqueles que são acostumados a dançar a dança dos Tumbalalá, mas tem aqueles que também pessoas que parecem ter preguiça de levantar os pés do chão e saem dançando uma dança diferente, então procurar dançar igualzinho, porque a dança é aquela que é certa mesmo, aí as vezes alguém vai chegar aqui e vai olhar e vai pensar “será que tem índios de várias aldeias aqui?”, porque tem uns que dançam diferente, porque sendo Tumbalalá e está dançando diferente, e tem que procurar um jeito de levantar o pé do chão,

bater mais com força no chão e dançar do jeito que é para ser feito a dança, então lembrem disso, nós passamos por uma prova, quatro lideranças Tuxá e dois antropólogos da ANAÍ, que vem acompanhar, quando terminou o Toré, de manhanzinha, agente mesmo procurou junto com o antropólogo, e perguntamos: “E aí, é?”, - Eles disseram: “é, está certo”. Quando fomos para a FUNAI conversar com o administrador, o Pajé e o Cacique dos Tuxá foram com agente, aonde nós fizemos um documento que eu tenho ele em casa, até plastifiquei o documento, mandando para Brasília, pedindo o reconhecimento daquele povo, aonde estava presente o Cacique e o Pajé Tuxá, dando seu testemunho que realmente é os costumes de um povo indígena. **Cacique Cícero Marinheiro.**

## A DISCRIMINAÇÃO

Eu acho que nossa identificação começa por aí, porque se agente tem medo de se identificar, então o que vai ser feito, eu digo isso porque desde quando comecei a andar já fui discriminado várias vezes, muitas pessoas diziam até piada comigo, mas eu nunca baixei a cabeça, nunca deixei de fazer aquilo que eu tenho que fazer, eu acredito que eu sou

aquilo que eu sou e tem que fazer o que é necessário, porque eu acho que se agente não acreditar quem vai fazer pela gente, acha que outro alguém vai fazer pela gente se agente não fizer? Não tomar iniciativa? Então eu acho que está mais do que na hora d'agente, eu estou lembrando aqui, amanhã na justiça federal é uma data que vai se decidir o problema daqui, da reintegração de posse, e eu sei que agente conversando que se chegar essa reintegração de posse, agente não sai daqui, agente vai dizer que não sai e vai esperar o que eles vão fazer, não foi o que agente já decidiu aqui pessoal? **Cacique Miguel Marcolino.**

## CONFLITOS E AMEAÇAS AO TERRITÓRIO: VELHAS E NOVAS BARRAGENS, TRANSPOSIÇÃO DO RIO E POSSEIROS

A questão dos grandes projetos é a ameaça maior ao povo, não só agora como de muito antes como o projeto da barragem de Sobradinho que foi uma ameaça grande, que hoje agente está sofrendo com isso, hoje falta tantas espécies de peixe que agente tinha, as vazantes, muitas delas estão sendo destruídas por causa da erosão nas terras. **Cacique Cícero Marinheiros.**

Então, vindo com a transposição tem um outro projeto de barragem que dizem que é para ser feito, e essa barragem está incluída no território Tumbalalá, então é uma ameaça muito grave e que está precisando de muita força, de muita resistência do povo Tumbalalá para que isso não venha acontecer. Mesmo que isso venha a acontecer mais que agente continue a luta, defendendo o rio e os nossos costumes, porque ameaçados nós somo e já fomos atingidos a vários tempos com a barragem de Sobradinho e com o assentamento de Perra Branca, aonde foi colocado várias

pessoas de outras regiões por causa da barragem de Itaparica e é uma ameaça porque está dentro do nosso território e está dando trabalho de ser demarcada por causa desse reassentamento. **Cacique Cícero Marinheiro.**

Os projetos do governo é o maior problema pra nosso povo. Mesmo antes da transposição já tinha os impactos de Sobradinho que impactou o modo de viver antigo dos índios que era a vida da caça, da pesca e das vazantes. E ainda o projeto da transposição junto com as barragens é a maior ameaça e precisa que o Povo Tumbalalá resista. A grande dificuldade de demarcarem nossas terras era por causa dos reassentamentos. **Maria Tumbalalá.**

Cícero mostrando local da Barragem (NECTAS, 2008)



Nós somos índios sem terra, porque a muito tempo os brancos tomaram o que era nosso. Aí veio muita coisa, inclusive a Chesf que reassentou muitas famílias aqui no nosso território. A Chesf já sabia que essas terras era nossa, mas, não quis nem saber, reassentou o povo que não tem culpa de nada. Eles não são problemas. Agora a Chesf não sabem como resolver, porque sabem muito bem que essa terra é do Povo Tumbalalá. Mas, agora depois da retomada os posseiros que estão aí, principalmente os de Pedra Branca vem criando muito caso, a muito tempo são muitas ameaças e pra complementar entraram com reintegração de posse. Mais a justiça vai ter que julgar. **Maria Tumbalalá.**

Eles diziam que essa transposição viria, que estavam fazendo os estudo, mas agora é realidade, em Cabrobó está aí com muitos homens de fora, muita gente estranha que você passa numa praça e não vê uma pessoa de Cabrobó, só vê gente estranho, você vai para um hospital não tem mais uma vaga para consulta, porque é o povo de fora que está se consultando, então agente tem que fazer essa luta, mas uma luta vendo o valor do povo o valor da terra e o valor da água,

e agora ara completar, onde agente anda e se você acessar a internet é falando nas barragens que vão ser construídas, mais três barragens, duas no estado da Bahia, uma que é em Riacho Seco e a outra aqui, e a outra que vai ser em Pão de Açúcar lá em Alagoas. **Maria Tumbalalá.**

Esses projetos, o governo só quer destruir com o povo, na verdade eles dizem que querem reconhecer as terras dos povos indígenas do Brasil, mas só quer destruir e essas barragens são uns pontos de destruição onde eles querem destruir e essa transposição quer acabar com os povos indígenas, porque está bem nas terras dos Truká, e os Tumbalalá afeta porque quem vive do rio São Francisco de uma certa forma é atingido direto ou indireto e nós somos atingidos direto porque agente sobrevive da água para tudo, apesar de estar poluído por grandes empresas do governo mesmo, começando pelo projeto de sobradinho, um grande impacto para agente porque não tem regra, que eles dizem que controla a água, que é um meio de controla a água mas eles só fazem destruir **Cacique Miguel Marcolino.**

## A CULTURA, A CRENÇA E O SAGRADO

É de costume que se esse agente não tivesse ou um dia chegar a se acabar não vai mais existir o povo Tumbalalá, não existe um povo sem ritual e também agente desde o início da retomada, agente pede às pessoas que vem tentando colocar isso na mente de todos que agente precisa, que usem as nossas vestes, nossa Pujá, a nossa Cataióba, ter seus maracás para na hora de dançar o Toré.

Aqui temos o hoiaki que é o cachinbo de madeira, tem a kataioba que a saia de croar pra dançar o toré, tem incenso que o preparo de erva, com liamba, alecrim de caboclo e alfazena. Tem também o pujá que é pra butar na cabeça e o maracá que é feito de cabaça e semente pra gente dá o som do toré.

## ORGANIZAÇÃO E LUTA: A RETOMADA

A gente fez Retomada, é retomada por quê? Porque a terra é tradicional do nosso Povo que tiraram da gente e agora a gente retoma. Então tem que ter uma coisa séria, às vezes agente está aqui, como todos os sábados, uns para fazer o dever d'agente e outros chegam aqui, na mesma hora vai se deitar, dormir, então esse aí fica difícil, nem está praticando, nem está sabendo o que está acontecendo ao mesmo tempo, não sabe fazer nem o que está acontecendo, porque às vezes a pessoa não está dançando cantando, mas está aqui, porque uma hora precisa de uma coisa, está vendo o que está acontecendo, o que aconteceu com algum índio aqui dentro do campo, o que foi que cantaram, o que acha, se gostou, se não gostou, se de repente alguém vê uma

coisa que não está certa ajuda a consertar, porque em algum momento eu já vi alguns índios dizerem: "Ah, mas eu não estou gostando, não estou gostando disso, não estou gostando daquilo". Não diz nem o que é, diz que alguma coisa aconteceu que não gostou, então no meio de tanta gente que nem agente está aqui, sempre acontece alguma coisa que gente não gosta, que agente acha que não está certo daquele jeito, mas será que só por isso agente vai desistir da luta? **Cacique Cícero Marinheiro.**

No dia que agente chegou aqui agente não pensou, tudo isso é a necessidade que está tendo de um modo que agente vai se organizando, então agente tem que sempre se organizar para melhor, não é quando acontece uma coisa agente desistir, dizer: "ah, não deu certo isso, está dando uma dificuldade, quantas vezes agente não dança o Toré aqui, começa com um bocado de gente, quando é do meio para o fim, tem bem poucas pessoas, agente vai desistir porque outras pessoas desistiram? não, não pode desistir, agente tem que continuar, ontem mesmo agente ficou aqui,

tinham umas 20 pessoas, mas não tinha quem puxar o Toré para dançar, mas agente ficou aqui até umas 2 horas da manhã em pé mesmo aqui... **Cacique Cícero Marinheiro.**

Agente pode fazer denúncia, agente pode estar denunciando, mas se agente não conseguir com denúncia no Ministério Público não tomar as providências, nós mesmos somos obrigados a tomar essa providência com as próprias mãos, porque agente não deixar acontecer não, barragem nessa região não vai ter, pode até ter em outros cantos, porque agente não consegue controlar todo o povo, mas o povo Tumbalalá, mesmo que saia em outro canto agente vai estar fazendo denúncia porque o que não atinge agente direto, atinge indireto então como eu já falei da barragem de sobradinho é muito distante daqui, mas mesmo assim estamos aqui sofrendo as conseqüências, onde os peixes que tinham aqui acabaram, agente sobrevivia dos peixes, hoje agente tenta sobreviver do peixe para não passar fome, mas de uma certa forma agente não consegue, tem que estar com roça, com outras coisas, antigamente agente conseguia sobreviver do peixe, meu pai, meu avô, agente conseguia sobreviver só do peixe, agente almoçava e jantava, agente tinha o peixe para agente comer, hoje agente para comer um peixe, agente tem que ou comprar de lagoa, peixe de criatório, ou então fica sem comer, porque para pegar é difícil, é difícil mesmo, porque algumas espécies que tinha acabou, eu acho que, eu já falei, que se o Ministério Público, primeiro passo nosso é denunciar, se a denúncias não servirem agente tem que partir para a força bruta. **Cacique Miguel Marcolino.**

Somos prova de resistência que até hoje agente está sobrevivendo e resistindo até hoje e agente conseguiu se manter até hoje e não vai ser hoje que o governo vai parar agente não, agente vai reconhecer, estamos na luta para reconhecer o nosso território, eu não acredito não, eu tenho certeza que ele vai ser reconhecido e não vai demorar não, porque agente já sofreu muito com o descaso do governo e do branco, não é acreditar, eu tenho certeza que vai ser reconhecido o nosso povo, o nosso território. **Cacique Miguel Marcolino.**

Então agente tem que estudar, então agente tem que arar a terra, mas agente tem que plantar e cuidar do feijão, do gerglím, da abobora. na feira de Cabrobó vendendo as hortaliças, todo alface, todo tomate, todo coentro tava sendo vendido pelo nosso povo, que beleza, tinham muitos Tumbalalá vendendo peixe, então agente tem que fazer isso, então vamos fortalecer a nossa luta, trabalhando honestamente, porque isso é que é bonito, falar do nosso povo, onde também tinha um ovo comendo uns bejú, então isso é o que dá dignidade ao povo, é estudar, trabalhar, cuidar da terra, plantar, defender o rio nos movimentos que as vezes... tudo isso é o que fortalece, o que une o povo, não é ninguém comer escondido, mas é todo mundo trazer e comer junto. E aqui estamos unidos, um respeitando as diferenças, um está com o pujá o outro está com o burduna, enquanto isso, a gente vai fazendo os pujás, Cataióbas, os Colares, e vai dançando o Toré, ontem eu disse que vinha terminar o Toré meia noite, o Toré durou até três horas da madrugada, fomos dormir cedo para acordar cedo, então que coisa bonita um Toré bem dançado, bem pisado, bem cantado e agente ficou até 3 horas e todo mundo ta aqui. **Maria Tumbalalá -liderança.**

## Contatos

### **APOINME - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.**

Responsável: Manoel Uilton Santos - Coordenador Geral  
Av. Sigismundo Gonçalves, 654, Varadouro. Olinda - PE.  
CEP: 53.010-240, (81) 3429-5191/Cel. 81.96073191  
Skype: uilton.tuxa

### **Conselho Pastoral dos Pescadores**

Avenida Beira Rio, 913 – Jardim Bahia  
Paulo Afonso-BA  
alzenitomaz@gmail.com  
Tel/fax: (75) 3281 0848

### **NECTAS/UNB**

Rua do Gangorra, 503, CHESF  
Paulo Afonso - BA  
Tel/Fax: (75) 3281 7364

### **AATR - ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE TRABALHADORES RURAIS DO ESTADO DA BAHIA**

Ladeira dos Barris, 145, Barris  
Salvador-Bahia  
CEP: 40070310  
Tel-Fax: 71 - 33-739329

# Nova Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Série:

**Povos e Comunidades Tradicionais da Bacia do São Francisco**  
**Povos Indígenas do Nordeste**

- 1 - Povo indígena Tuxá de Rodelas
- 2 - Povo indígena Pankararu
- 3 - Povo indígena Truká
- 4 - Povo indígena Tumbalalá
- 5 - Povo indígena Pipipã
- 6 - Povo indígena Kambiwá
- 7 - Povo indígena Kariri-Xocó
- 8 - Povo indígena Xocó

Realização

## POVO TUMBALALÁ

Apoio

